

A Geografia Atual, a Objetividade Dada, a Geografia do Vir a Ser.*

Edvaldo Cesar Moretti **

Para compreendermos a geografia produzida hoje é necessário entender os paradigmas utilizados para a análise de seu objeto.

A geografia, enquanto ciência sistematizada surge no século XIX, no contexto do pleno desenvolvimento da visão positivista do mundo.

Surge num momento de expansão dos horizontes geográficos da sociedade europeia e, principalmente, desenvolve-se juntamente com a ascensão ao poder da classe burguesa, com o capitalismo em sua fase imperialista.

Esta relação, ciência com o momento histórico, dá à geografia um caráter de ciência oficial, ou seja, é produzida a serviço dos interesses das "elites" dominantes, que fazem uso dos conhecimentos produzidos.

Os homens que propiciaram este impulso à geografia nos seus primeiros passos, enquanto ciência autônoma, são os alemães Humboldt, Ritter e Ratzel, compondo a escola alemã.

A base dessa geografia é a filosofia de Kant, onde o conhecimento é adquirido através da percepção pelos sentidos. Temos o conhecimento empírico, onde tempo e espaço são separados.

Humboldt era botânico e, como tal, fez uma série de viagens pelo mundo, procurando fazer análise das formações vegetais, relacionadas ao solo, clima e relevo. Ritter tinha como base de formação a história, procurou fazer relações entre a população e o meio natural.

Portanto, Humboldt está ligado a geografia chamada de "física" e Ritter a geografia conhecida como "humana".

Posteriormente, com Ratzel, a geografia alemã apresenta respostas às necessidades do capitalismo alemão - o expansionismo colonial alemão.

Ratzel rompe com alguns pontos da filosofia de Kant, trazendo para a geografia o materialismo mecanicista inglês, do sociólogo Herbert Spencer, que faz uma leitura de Darwin, onde a sociedade é vista como um organismo. Com Ratzel, temos a chamada "teoria do determinismo geográfico" e a "teoria do espaço vital".

Para Ruy Moreira, *"A cadeia do raciocínio em Ratzel é linear: os homens agrupam-se em sociedade, a sociedade é o Estado, o Estado é um organismo. A*

* Trabalho apresentado à disciplina Epistemologia da Geografia Humana, ministrada pelos Prof. Dr. Armando Corrêa da Silva, no 2º semestre de 1993, no curso de Pós graduação em Geografia da FCT - UNESP - Presidente Prudente.

** Docente do Departamento de Ciências do Ambiente do CEUC - UFMS.

Aluno do curso de pós-graduação - Mestrado - em Geografia da FCT - UNESP - Presidente Prudente, desde 1993.

*sociedade e o Estado são o fruto orgânico do determinismo do meio (...). Os Estados necessitam de espaço, como as espécies, por isto lutam pelo seu domínio como as espécies. A subsistência, energia, vitalidade e o crescimento dos Estados, tem por motor a busca e conquista de novos espaços. Troquemos "Estado" por "imperialismo" e entenderemos Ratzel."*¹

Portanto, a geografia sistematizada nasce de acordo com os interesses e necessidades do capitalismo alemão, primeiro com Humboldt e Ritter, ligados as necessidades de "unificação" da Alemanha, posteriormente, com Ratzel, inteiramente integrado as necessidades imperialistas da burguesia alemã.

Neste período, segunda metade do século XIX, existe uma disputa acirrada entre a França e a Alemanha (Prússia), pela hegemonia no continente europeu. O desenvolvimento do conhecimento geográfico, proporcionou a vitória alemã nesta disputa.

O Estado Francês, a partir desta derrota passa, deliberadamente, a desenvolver o conhecimento geográfico em seu território, nascendo a chamada "Escola francesa de Geografia", sendo Vidal de La Blache o autor que funda e lança as bases do conhecimento geográfico francês.

A geografia francesa tem em sua base o funcionalismo - positivista, onde a sociedade é vista como um todo formada por partes, formando um conjunto unitário.

O estudo regional tornou-se o centro dos trabalhos geográficos, o homem é "*um ser ativo, que sofre influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o*"². A base aqui é o possibilismo.

Este é o alicerce do conhecimento da geografia moderna, de um lado o Determinismo e do outro, o Possibilismo, ambas bases filosóficas da geografia clássica enquadrados em uma visão de mundo cartesiano-mecanicista; priorizando, ora o racionalismo com Ratzel, ora o empirismo com La Blache. De um lado a "geografia geral" com Humboldt e Ritter, do outro lado a "geografia regional" com La Blache. Tudo dentro de uma visão de mundo positivista.

" *O único conhecimento válido é o que se baseia em fatos. Por isso, a imaginação deve estar completamente subordinado à observação da realidade sensível e manipulável pela técnica* ".³

Isto, em um contexto histórico, onde a burguesia havia consolidado o seu poder, e a revolução industrial ocorre de forma vigorosa e rápida. A ciência e a técnica têm espaço para o seu desenvolvimento, mas, uma ciência com características do novo mundo - capitalista e industrial - objetivando o progresso técnico através do experimento e reformas sociais conservadoras, necessárias as novas formas de produzir.

Com o advento da segunda guerra mundial, o mundo passa por transformações - paradigmas, sendo necessário que a ciência avance em direção ao entendimento do real. A resposta é dada pelo neo-positivismo, ou positivismo lógico-analítico.

¹ MOREIRA, 1981: 33.

² MORAES, 1983: 68.

³ CYRINO e PENHA, 1986: 27.

A geografia, rapidamente apoia-se nesta nova base metodológica e filosófica, surgindo a chamada "Nova Geografia" dos anglo-saxões, contrapondo-se a "velha" geografia europeia.

Essa corrente procura dar um caráter científico à geografia, que é acusada de se preocupar apenas com o passado, utilizando-se no plano metodológico da quantificação dos modelos e da teoria dos sistemas.

Santos apresenta algumas críticas contundentes a esta tendência na geografia.

"O maior pecado, entretanto, da intitulada Geografia quantitativa é que ela desconhece totalmente a existência do tempo e suas qualidades essenciais (...) Trabalha-se com resultados, mas os processos são omitidos, o que equivale a dizer que os resultados podem ser objeto não propriamente de interpretação, mas de mistificação" ⁴

"A 'New Geography' representa uma involução. Baseada na economia neoclássica, terminou por suprimir o homem, despersonalizando o Homo sapiens, substituindo-o pelo homo economicus, que é nada mais que uma média: e o homem médio não existe." ⁵

Esta geografia encontra-se plenamente de acordo com a necessidade da nova fase de desenvolvimento do capitalismo mundial, a revolução técnica-científica e a mundialização económica.

Temos o desenvolvimento do racionalismo e o domínio na ciência do empiricismo abstrato, onde ocorre a abstração da realidade, sendo a quantificação uma concretização deste domínio na geografia.

Na década de 70, as mudanças verificadas no pós - guerra, tornam-se mais rápidas, com um processo veloz de mundialização das idéias neo - liberais e da urbanização intensa em todas as partes do mundo. Concomitantemente, verifica-se uma crise profunda no capitalismo que exige mudanças estratégicas no seu interior.

A geografia, até então produzida, não consegue apreender o real com os métodos até então utilizados, possibilitando o afloramento de uma proposta filosófica, até então sufocada pela chamada "geografia oficial", o chamado método materialismo histórico dialético.

Uma característica importante desta proposta metodológica é o repensar teoricamente esta ciência, discutindo o seu objeto de estudo e a própria epistemologia da ciência geográfica.

Procura-se desvincular a geografia do poder, produzindo uma ciência voltada para o entendimento e transformação do real. A geografia volta-se para o futuro.

A princípio, parte-se para a denúncia. Denuncia-se a geografia até então produzida, denuncia-se as injustiças na produção do espaço, promovido sobre o domínio do modo de produção capitalista.

Posteriormente, procura-se um aprofundamento teórico, encontrando apoio, para isto, nas outras ciências como a filosofia, a economia, a história, a sociologia, etc.

⁴ SANTOS, 1980 : 53

⁵ Ibidem, 81.

A geografia, em todo o seu processo de desenvolvimento, nunca apresentou um bloco monolítico, isto ocorre, também com a chamada "geografia crítica", onde convivem diferentes formas de ver o mundo.

A geografia, como as outras ciências, tem como base a filosofia de Descartes, onde o pensar é separado do pensado, o saber é separado do fazer. A natureza é humanizada e a sociedade é naturalizada.

Temos uma ciência dividida, que relaciona-se com outras ciências também divididas. Para Armando Correia da Silva (6), a geografia atual estaria dividida em três níveis: nível filosófico, onde trata-se da epistemologia da natureza da sociedade; nível científico, onde preocupa-se com a organização do espaço e com o meio ambiente; nível técnico, onde aborda-se a questão da tecnologia no período técnico-científico.

A pergunta que se coloca é: a geografia com os atuais paradigmas consegue avançar no entendimento e na superação do real?

Independente de considerarmos este momento como pós-moderno, ou como uma consequência da modernidade, passamos por mudanças profundas na estruturação da sociedade como, por exemplo, o pluralismo, a flexibilidade, a individuação, o domínio da imagem do real sobre o real e a valorização do subjetivo, com transformações no objeto de estudo da geografia.

A geografia do vir a ser, deve superar os paradigmas da modernidade, ou seja, o "racionalismo" e o "objetivismo", e procurar entender o novo através do novo, valorizando a subjetividade do espaço.

De que espaço estaremos falando? Do espaço da modernidade ou do espaço que está em produção hoje. Acredito que esta deva ser a preocupação da geografia hoje, preocupação essencial, pois o espaço adquiriu papel fundamental nas vidas das pessoas.

BIBLIOGRAFIA

01. CYRINO, H. e PENHA, C. Filosofia hoje. Papirus, Campinas, 1986.
02. COSTA, R. H. da. Filosofia, geografia e crise da modernidade, in: Terra livre, A.G.B. - Marco Zero, São Paulo, 1990.
03. LACOSTE, Y. A geografia, in: CHÂTELET, F. História da Filosofia, Zahar, Rio de Janeiro, S.d.

⁶ Aula ministrada em 13/10/93 no curso de Pós-graduação em geografia da FCT - UNESP - Presidente Prudente.

04. MORAES, A. C. R. de Geografia, pequena história crítica, hucitec, São Paulo, 1983.
05. _____ Ideologias geográficas, hucitec, São Paulo, 1988.
06. MOREIRA, R. O que é geografia, Brasiliense, São Paulo, 1981
07. _____ O círculo e a espiral, Obra aberta, s.l., 1993.
08. QUAINI, M. A construção da geografia humana, Paz e terra, Rio de Janeiro, 1983.
09. SANTOS, M. Por uma geografia nova, hucitec, São Paulo, 1980.
10. SILVA, A. C. da Geografia, modernidade e pós-modernidade, Presidente Prudente, 1993 (Apostila).
11. _____ Geografia, pós-modernidade e metodologia, Presidente Prudente, 1993 (Apostila).
12. _____ Geografia, pós-modernidade e subjetividade, Presidente Prudente, 1993 (Apostila).